

FÉ *para* HOJE

Comprometida com a Fé que foi entregue aos santos.

Número 8

Set. 2000



Fé *para* *Hoje*

Fé para Hoje é um ministério da Editora FIEL. Como outros projetos da FIEL — as conferências e os livros — este novo passo de fé tem como propósito semear o glorioso Evangelho de Cristo, que é o poder de Deus para a salvação de almas perdidas.

O conteúdo desta revista representa uma cuidadosa seleção de artigos, escritos por homens que têm mantido a fé que foi entregue aos santos.

Nestas páginas, o leitor receberá encorajamento a fim de pregar fielmente a Palavra da cruz. Ainda que esta mensagem continue sendo loucura para este mundo, as páginas da história comprovam que ela é o poder de Deus para a salvação das ovelhas perdidas — “Minhas ovelhas ouvem a minha voz e me seguem”.

Aquele que tem entrado na onda pragmática que procura fazer do evangelho algo desejável aos olhos do mundo, precisa ser lembrado que nem Paulo, nem o próprio Cristo, tentou popularizar a mensagem salvadora.

Fé para Hoje é oferecida gratuitamente aos pastores e seminaristas.

Editora Fiel
Caixa Postal 1601
12233-300 - São José dos Campos, SP

www.editorafiel.com.br

Conteúdo

AVIVAMENTO E MEMBROS DE IGREJA NÃO-REGENERADOS	1
<i>Jim Elliff</i>	
A CENTRALIDADE DA CRUZ	7
<i>James Montgomery Boyce</i>	
A EDUCAÇÃO DOS MEUS FILHOS	9
<i>Paulo César Moraes de Oliveira e outros</i>	
MENTIRAS, MENTIRAS, MENTIRAS	14
<i>Les Walthers</i>	
ABNEGAÇÃO: UM ELEMENTO NA ADORAÇÃO	15
<i>George H. Morrison</i>	
PROFUNDA SERIEDADE E AVIVAMENTO	22
<i>William B. Sprague</i>	
A LEI DE DEUS E O AMOR DE DEUS	23
<i>Ernest Reisinger</i>	
“FANÁTICOS” OU DEFENSORES DA VERDADE?	28
<i>John Kennedy</i>	
VOCÊ É UM VERDADEIRO MEMBRO DE IGREJA	31
<i>Conrad Mbewe</i>	

AVIVAMENTO E MEMBROS DE IGREJA NÃO-REGENERADOS

Jim Elliff

Permita-me iniciar este artigo, ilustrando por meio de fatos vistos em igrejas de minha própria denominação, nas quais preguei recentemente. Em uma igreja, havia uma admirável presença de 2000 pessoas no domingo pela manhã; mas existia 7000 no rol de membros e apenas 600 ou 700 nos cultos da noite. Excluamos os visitantes, e a quantidade representará menos do que 10% do número de membros. Em outra igreja, havia 2100 pessoas no rol de membros, das quais 725 vinham à igreja no domingo de manhã. Se retirarmos os visitantes e as crianças não pertencentes à membresia da igreja, o número de participantes cairá para 600. Somente um terço desta quantidade freqüentava o culto de domingo à noite. E isto representa menos de 10% do número de membros.

Outra igreja tinha 310 pessoas em sua membresia, das quais aproximadamente 100 freqüentavam as

reuniões de domingo pela manhã. Apenas 30 a 35 (ou seja 10%) vinham ao culto de adoração à noite. Todas estas são consideradas ótimas igrejas e possuem um nível de liderança e visão bastante competente. Alguns que se encontram internados em hospitais e outros que estão doentes ou em viagem amenizam esta realidade, mas não o suficiente para mudar o triste panorama, especialmente quando recordamos que esses números representam pessoas batizadas. O que estes fatos nos sugerem?

OS CRENTES QUE SE AUSENTAM DOS CULTOS NÃO SÃO VERDADEIROS CRENTES

Em primeiro lugar, estes fatos revelam que muitos dos que estão inscritos em nossas listas de membros demonstram pouca evidência de que amam os irmãos — um sinal claro de serem indivíduos não-regenerados

(1 Jo 3.14). É impossível acreditar-mos que existe qualquer genuíno amor fraternal nos corações de pessoas que não vêm à igreja ou apenas marcam presença como em um exercício cultural. O amor é a principal característica de um verdadeiro crente (1 Jo 3.14-19).

Em segundo, esses números sugerem que os ausentes ou os que vêm apenas no domingo pela manhã estão mais interessados em si mesmos do que em Deus. Apresentando isto nas palavras de Paulo, tais pessoas se inclinam para as “coisas da carne” e não para “as coisas do Espírito” (Rm 8.5-9). A atmosfera que mais as satisfaz é a do mundo e não a de Deus. São capazes de permanecer na igreja enquanto Deus as faz sentirem-se melhor a respeito de si mesmas. Mas, além disso, com muita delicadeza recusarão envolver-se nas coisas dele. Para alguns, comprometer-se significa vir aos cultos de vez em quando; para outros, a vida cristã consiste em uma farisaica e estéril ida à igreja cada domingo.

Embora estas pessoas tenham feito “a oração do pecador”, “vindo à frente” e sido informadas de que agora são crentes, as coisas velhas realmente ainda não passaram e as novas ainda não vieram; elas não mostram ser novas criaturas em Cristo (2 Co 5.17). Em muitos casos, podem ser vistos os evidentes sinais de um coração não-regenerado, tais como adultério, fornicação, avareza e dissensão. Estes são “crentes professos”, a respeito dos quais a Bíblia afirma estarem enganados (1 Co 6.9-1; Gl 5.19-21; 6.7-8; Ef 5.5-6; Tt 1.16; 1 Jo 3.4-10).

Jesus mostrou que existe a pessoa semelhante ao bom solo, a qual é receptiva à semente do evangelho e resulta em uma planta que dá frutos; mas a pessoa que se assemelha ao solo rochoso apenas tem a aparência de que é uma pessoa salva. Este imediatamente demonstra alegria, mas logo murcha (Mt 13.6,21). Esse tipo de fé temporária (que não corresponde à fé que salva; ver 1 Co 15.1-2) se encontra em abundância em minha própria denominação. Todavia, essa denominação acredita que a fé salvadora persiste até ao fim. Nós cremos na preservação e perseverança dos santos (uma vez que alguém é salvo, sempre perseverará). Se a fé exercida por uma pessoa não persevera, então o que ela possui é algo inferior à fé salvadora.

Em João 2.23-25, o Senhor Jesus foi o protagonista daquilo que se tornou em uma experiência de evangelismo de multidões, no qual verificamos grande número de pessoas crendo nEle. Porém, Ele não se confiava a qualquer delas, “porque os conhecia a todos” e “sabia o que era a natureza humana”. É possível que tenhamos entre influentes denominações atuais milhões de “crentes que jamais se converteram”, cujos corações não foram transformados? Acredito que sim. Nossa denominação, por exemplo, por mais que a amemos, está constituída, em sua maioria, de pessoas não-regeneradas. Se duplicarmos, triplicarmos ou quadruplicarmos minha avaliação a respeito de quantos são verdadeiros crentes, ainda teremos um problema gigante. É tolice crermos de outro modo.

Existem aqueles que diriam ser tais pessoas “crentes carnis” e não merecem ser chamadas de não-regeneradas. É verdade que os crentes de Corinto (em referência aos quais Paulo utilizou esta expressão; ver 1 Co 3.1-3) agiam “segundo os homens”, em sua atitude de divisão. Os crentes sujeitam-se a tropeçar e cair em pecado que não seja imperdoável.

Entretanto, com certeza Paulo suspeitava que alguns da igreja de Corinto eram incrédulos, visto que posteriormente ele os advertiu sobre esta possibilidade em 2 Coríntios 12.20-13.5. Um estado permanente de carnalidade e falta de arrependimento é, antes de mais nada, a própria descrição de uma pessoa não-regenerada (Rm 8.5-14; 1 Jo 3.4-10, etc.). Ao chamar alguns de “carnis”, Paulo não pretendia afirmar que aceitava como característico do cristão um estilo de vida que, com clareza, ele descreveu como peculiar aos incrédulos, em outras passagens bíblicas. Nesta mesma

epístola, Paulo escreveu: “Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis” (1 Co 6.9-11). Aparentemente, havia algumas pessoas, mesmo naquela época, que estavam enganadas ao pensarem que realmente poderia ser crente um homem ou uma mulher injustos!

O PROBLEMA É O PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO DE “NOVOS DECIDIDOS”?

Comete-se um grande engano ao atribuir ao “discipulado” a culpa deste problema. Em muitas igrejas, direciona-se todo objetivo e esforço para discipular o novo convertido, e os números permanecem inalterados. Certa igreja procurou integrar todas as pessoas que foram registradas como novos convertidos de uma cruzada evangelística promovida por um famoso evangelista internacional. O pastor que coordenava essa atividade relatou que nenhuma delas quis conversar sobre como crescer na vida cristã. Ele disse: “Elas fugiram de nós!

Conheço algumas igrejas que realizam esforços extremos a fim de integrar os novos crentes. Isto é louvável, mas, assim como outras, tais igrejas obtêm pouquíssimo resultado. Aprenderam a aceitar o fato de que as pessoas que decla-

ram ser crentes precisam ouvir a respeito de progredirem na vida cristã e de que muitos, talvez a maioria, simplesmente não se importam com isso. Os verdadeiros crentes podem ser discipulados, pois têm o Espírito Santo, através do qual eles clamam: “Aba, Pai” (Rm 8.15). Entretanto, não podemos discipular uma pessoa

— ■ —

Para alguns, comprometer-se significa vir aos cultos de vez em quando; para outros, a vida cristã consiste em uma farisaica e estéril ida à igreja cada domingo.

— ■ —

que está espiritualmente morta.

Pregar a regeneração, explicando suas evidentes características, foi o âmago do Grande Despertamento. J. C. Ryle, ao escrever sobre os pregadores do avivamento do século dezoito, afirmou que nenhum deles, por um momento sequer, acreditava ter ocorrido verdadeira conversão, se não era acompanhada de santidade pessoal. Esse tipo de pregação foi a matéria-prima da maioria das mensagens de avivamento, em toda a história dos avivamentos. Somente uma tão poderosa mensagem pode despertar aqueles que estão dormindo em Sião.

ENFRENTANDO O PROBLEMA

O que precisa ser feito? Propomo cinco atitudes. Primeiramente, temos de pregar e ensinar a respeito deste assunto. Todos os autores do Novo Testamento escreveram sobre a natureza do engano. Algumas epístolas abordam com mais abrangência o assunto. O próprio Senhor Jesus falou abundantemente sobre o verdadeiro e o falso, dando importante atenção ao fruto que se encontra no verdadeiro crente (Jo 10.26-27; Mt 7.21-23; 25.1-13). Se de início isto causar dúvidas nas pessoas, não devemos considerar esta reação de maneira negativa. Um amigo disse-me: “As dúvidas jamais levam alguém para o inferno, mas o engano sempre o faz”. As pessoas esclarecerão suas dúvidas, se continuarmos a pregar a verdade. Todas as dúvidas não procedem de Satanás, ao contrário da opinião popular. Temos de ensinar verazmente todo o conse-

lho de Deus. Somos incapazes de tirar a salvação dos verdadeiros crentes.

É verdade que existem aqueles que se mostram excessivamente escrupulosos e desanimados por tal averiguação. No entanto, muitos são autoconfiantes e fundamentaram sua segurança de salvação em alicerces tolos, tal como o proferir corretamente a “oração do pecador”. Ensino paciente e atenção ajudarão a vencer as dúvidas, se eles foram verdadeiramente regenerados. Jamais esqueçamos que pessoas quietas e sensíveis também podem ser enganadas.

Em segundo, temos de pregar sobre o assunto do pecado persistente entre os membros de nossas igrejas, incluindo o pecado de faltar às reuniões da igreja. Para fazer isto, precisamos restabelecer a desprezada prática de disciplina na igreja. Cada igreja deve ter estatutos que estabelecem o que acontecerá ao membro que cai em pecado, incluindo o pecado de não participar dos cultos. Todas as pessoas na igreja, bem como os novos membros, devem familiarizar-se com os passos bíblicos para a disciplina na igreja. Jesus asseverou que, se uma pessoa for disciplinada com amor e firmeza e deixar de se arrepender, deve ser considerada como um “gentio e publicano” (Mt 18.15-17). Embora Davi tenha cometido pecados terríveis, ele se arrependeu de coração (ver 2 Sm 12.13; Sl 51). Todo cristão é um pecador que se arrepende durante toda a sua vida, e a disciplina da igreja ressalta este fato.

Precisamos visitar todos os membros de nossas igrejas, procurando ou

trazê-los a Cristo ou, com ousadia, libertá-los para o mundo, que eles amam mais do que a Cristo. Esta é a atividade básica do ministério pastoral.

Nunca devemos arrancar o suposto joio do meio do trigo (Mt 13. 24-30; 36-40), como se tivéssemos absoluto conhecimento. Podemos estar enganados. Todavia, disciplina amável na igreja é um cuidadoso processo por meio do qual o pecador não-regenerado exclui a si mesmo da comunhão, devido a sua resistência à correção. A igreja foi estabelecida para santos que se arrependem e não para pecadores rebeldes.

Em terceiro, devemos ser mais cuidadosos na questão de receber pessoas na membresia da igreja. Em minha opinião, o apelo público convidando o pecador a vir à frente (uma invenção moderna) com frequência colhe frutos prematuramente. Nós o utilizamos por causa de nosso zelo genuíno para ver

os perdidos se converterem. Embora isto seja sagrado entre os batistas, um estudo cuidadoso deve ser feito no que concerne ao seu uso na evangelização. Durante dezoito séculos, a igreja cristã não utilizou este método, até que seu principal criador, Charles Finney, promoveu suas “novas medidas”. Ao contrário disso, os batistas daquela época demonstravam o intuito de per-

mitir que a convicção desempenhasse um grande papel na conversão. Eles não precisavam de qualquer muleta para o evangelho, mas confiavam na Palavra pregada e no Espírito Santo. O grande batista, Charles H. Spurgeon, por exemplo, contemplou milhares de pessoas se convertendo sem utilizar aquele método de evangelismo. A própria mensagem que ele pregava era seu convite.

Não temos necessidade de melhores métodos a fim de conseguirmos que as pessoas venham à frente, e sim mais união em nossas mensagens. Você não pode afastar de Cristo os pecadores, quando Deus os está trazendo a Ele (cf. Jo 6.37). Em uma época em que 70 a 90% daqueles que respondem ao evangelho demonstram

pouca evidência de serem salvos, após as primeiras semanas ou meses de impulsos emocionais, devemos fazer algumas perguntas. Se for possível, esqueça o fato de que não existe qualquer prece-

dente bíblico para esta realidade; apenas considere esta questão de maneira pragmática.

Ainda, precisamos seguir regras mais cuidadosas em relação àqueles que se tornam membros de nossas igrejas. Devemos abandonar a imprudente atitude de receber novos membros imediatamente após eles virem à frente. E mais diligente pondera-

— ■ —

*O próprio Senhor Jesus
falou abundantemente sobre
o verdadeiro e o falso,
dando importante
atenção ao fruto que
se encontra no
verdadeiro crente.*

— ■ —

ção tem de ser realizada no que concerne à conversão de crianças. Uma grande porcentagem da profissão de fé das crianças se desvanece mais tarde na adolescência ou nos anos de universidade (quanto mais independente elas se tornam, tanto mais demonstram sua verdadeira natureza).

Em quarto lugar, temos de cessar de imediatamente assegurar salvação à pessoa que se converteu. É tarefa do Espírito Santo outorgar segurança de salvação. Devemos oferecer ao convertido as bases sobre as quais esta segurança está fundamentada, e não a própria segurança. A este respeito, estude 1 João. Quais coisas foram escritas para que os crentes soubessem que possuíam a vida eterna (1 Jo 5.13)? Resposta: os testes apresentados na epístola.

Por último, temos de restaurar a sã doutrina. Um avivamento, descobri enquanto estudava sua história, é uma restauração do ensino do evangelho. As três principais doutrinas que freqüentemente têm se revelado em avivamentos são a soberania de Deus na salvação, a justificação pela graça mediante a fé e a regeneração com seus frutos visíveis. Um avivamento é Deus se revelando, mas a bênção da presença dEle é diretamente afetada por aquilo que nós cremos. Com freqüência Ele se manifesta no contexto das grandes doutrinas pregadas com a unção do Espírito Santo, de maneira penetrante e fiel.

Citando um exemplo de nossa atitude de reduzir doutrinas, mencio-

namos o arrependimento constantemente esquecido nas pregações do evangelho ou a compreensão de que o arrependimento significa apenas “admitir que você é um pecador”. “Convidar Cristo para entrar em seu coração”, uma expressão que jamais encontramos na Bíblia (estude o contexto de João 1.12 e Apocalipse 3.20), tem ocupado o lugar da doutrina bíblica da justificação pela fé. A doutrina do julgamento divino é raramente apresentada com cuidado, e dificilmente ouvimos sobre a cruz em toda sua abrangência. Apenas ler os títulos de sermões ministrados por pregadores de épocas de avivamento causaria surpresa em muitos pastores modernos.

SAUDÁVEL OU ENVERGONHADO?

Que tipo de exército você gostaria de possuir? O primeiro ou o segundo exército de Gideão? Nenhuma igreja ou denominação pode declarar-se saudável, se não tem mais pessoas vindo às reuniões regulares do que as registradas em seus livros de membros. Este é um padrão observado pela maioria dos homens do mundo, bem como por nossos antepassados. Teríamos o avivamento que desejamos, se reconhecêssemos nossas falhas como igrejas e denominação, humildemente curvássemos nossas cabeças e procurássemos corrigir este terrível obstáculo que impede a bênção de Deus.

A CENTRALIDADE DA CRUZ

James Montgomery Boyce

Se a morte de Cristo na cruz é o verdadeiro significado de sua encarnação, não existe evangelho sem a cruz. O nascimento de Cristo, por si mesmo, não é a essência do evangelho. Mesmo a ressurreição, embora seja importante no plano geral da salvação, não é o cerne do evangelho. As boas-novas não consistem apenas no fato de que Deus se tornou homem, ou de que Ele falou com o propósito de revelar-nos o caminho da vida, ou de que a morte, o grande inimigo, foi vencida. As boas-novas estão no fato de que Deus lidou com nosso pecado (do que a ressurreição é uma prova); que Jesus sofreu o castigo como nosso Representante, de modo que nunca mais tenhamos de sofrê-lo; e que, por isso mesmo, todos os que crêem podem antegozar o céu. Gloriar-se na Pessoa e nos ensinamentos de Cristo somente é possível para aqueles que entram em um novo relacionamento com Deus, por meio da fé em Jesus como seu Substituto.

A ressurreição não é apenas uma vitória sobre a morte, mas também uma prova de que a expiação foi satisfatória aos olhos do Pai (Rm 4.25) e de que a morte, o resultado do pecado, foi abolida por causa desta satisfação.

Qualquer evangelho que proclama somente a vinda de Cristo ao mundo, significando a encarnação sem a expiação, é um falso evangelho. Qualquer evangelho que proclama o amor de Deus sem ressaltar que seu amor O levou a pagar, na pessoa de seu Filho, na cruz, o preço final pelos nossos pecados, é um falso evangelho. O verdadeiro evangelho é aquele que fala sobre o “único Mediador” (1 Tm 2.5-6), que ofereceu a Si mesmo por nós.

E, assim como não pode haver um evangelho que não apresente a expiação como o motivo para a encarnação, assim também sem a expiação não pode haver vida cristã. Sem a expiação, o conceito de en-

carnação facilmente se degenera num tipo de deificação do homem, levando-o a arrogância e auto-exaltação. E além disso, com a expiação (ou sacrifício) como a verdadeira mensagem da vida de Cristo e, por conseguinte, também da vida do cristão, quer homem ou mulher, esta deverá conduzi-lo à humildade e ao auto-sacrifício em favor das reais necessidades de outros. A vida cristã não demonstra indiferença àqueles que estão famintos e doentes ou têm qualquer outra dificuldade. A vida cristã não consiste em contentar-nos com as coisas que temos, ou com um viver da classe média, desfrutando de

uma grande casa, carros novos, roupas finas e boas férias, ou com uma boa formação educacional, ou com a riqueza espiritual de boas igrejas, Bíblias, ensino correto das Escrituras, amigos ou uma comunidade cristã. Pelo contrário, a vida cristã envolve a conscientização de que outros carecem de tais coisas; portanto, precisamos sacrificar nossos próprios interesses, para nos identificarmos com eles, comunicando-lhes cada vez mais a abundância que desfrutamos... Viveremos inteiramente para Cristo somente quando estivermos dispostos a empobrecer, se necessário, para que outros sejam ajudados.

O DILÚVIO - POR QUÊ?

Martinho Lutero

O dilúvio veio, não porque a raça cananita havia se tornado corrupta, mas porque a raça dos justos que cria em Deus, obedecia sua Palavra e observava o verdadeiro culto a Ele havia caído em idolatria, desobediência aos pais, prazeres sensuais e a prática da opressão. De forma similar, a vinda do último dia será apressada, não por causa dos pagãos, os turcos, ou os judeus que são ímpios, mas porque o papa e os fanáticos da própria igreja se tornaram cheios de erro e porque até mesmo aqueles que ocupam posições de liderança na igreja são licenciosos, cheios de concupiscência e tirania.

Isto deve gerar temor em todos nós, porque mesmo aqueles que nasceram dos mais excelentes patriarcas, começaram a se tornar cheios de si e se afastaram da Palavra. Eles glorificaram sua própria sabedoria e justiça, assim como os judeus o fizeram com a circuncisão e com seu pai Abraão. De forma semelhante, depois que abandonaram o conhecimento de Deus, a Palavra e o culto a Deus, os papas começaram a transformar suas distinções eclesíásticas em luxúria carnal. Embora a igreja romana tenha, no passado, sido verdadeiramente santa e adornada com os mais destacados mártires, hoje nós vemos a que profundidade ela caiu.

A EDUCAÇÃO DOS MEUS FILHOS



À influência intencional e sistemática sobre o ser juvenil, com o propósito de formá-lo e desenvolvê-lo, denominamos educação. Ela é parte integrante essencial da vida do homem e da sociedade e existe desde quando há seres humanos sobre a terra. A *educação cristã* tem por objetivo proporcionar ao educando não apenas a obtenção de conhecimentos variados uns dos outros e da sua própria constituição física e moral, mas também conceder uma visão integrada e coerente de vida, relacionada com o Criador e com os Seus propósitos.¹ Isto só será uma realidade se as mentes forem formadas pelos ensinamentos das Santas Escrituras, ou seja, em que os preceitos do Senhor sejam a base para a educação. É o temor do Senhor o princípio da sabedoria!

O presente artigo reproduz, na verdade, o conteúdo de dois folhetos anteriormente publicados pela Editora Fiel. Eles se apresentam na forma de duas importantes perguntas no tocante à educação dos filhos. A pri-

meira parte, procura responder a pergunta “quem é responsável pela educação de meus filhos?” e foi originalmente escrita pelo Dr. Paulo César Moraes de Oliveira. A segunda parte reúne diversos argumentos em resposta à pergunta “Por que a escola evangélica?”

Nosso objetivo em trazer novamente à lume estes dois singelos textos é que possamos examinar as nossas responsabilidades como crentes e fazer muito mais do que temos feito no sentido de promover os princípios bíblicos na educação dos filhos, e fomentar a promoção e disseminação da verdadeira educação cristã.

I - QUEM É RESPONSÁVEL PELA EDUCAÇÃO DE MEUS FILHOS?

A educação e a formação acadêmica tornaram-se uma constante preocupação de pais, em sua luta por garantir aos filhos um lugar adequado na sociedade. Diante de uma variedade de filosofias educacionais, os

pais se vêem muitas vezes confusos em relação ao melhor caminho a seguir. Fortes correntes educacionais têm criado grande impacto não somente nas salas de aula, mas também em muitos lares conscientes de que a educação familiar é o alicerce para o desenvolvimento acadêmico da criança. Embora a discussão destas filosofias educacionais vá além dos limites deste artigo, cabe mencionar que a filosofia humanista, que considera o homem o centro do universo e deriva toda sua temática do pensamento humano, tornou-se a base dos diversos movimentos educacionais que vêm ganhando ímpeto neste século.

Entretanto, para os pais que têm suas vidas governadas pelos princípios das Escrituras Sagradas, a filosofia educacional a ser seguida é clara: “E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor” (Efésios 6.4).

Neste texto, o verbo *criar* (no grego) se refere a cuidar e nutrir com um foco específico na criação de filhos. Este cuidar compreende a educação desde a infância até à maturidade, isto é, o completo desenvolvimento do ser humano, abrangendo todas as dimensões de sua pessoa. Lucas refere-se a estas dimensões em relação ao desenvolvimento do Se-

nhor Jesus Cristo nestes termos: “E crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens” (Lucas 2.52).

Verificamos que Jesus se desenvolvia intelectualmente (em sabedoria), fisicamente (em estatura), espiritualmente (em graça diante de Deus) e socialmente (em graça diante dos homens). São estas as quatro áreas específicas a serem focalizadas no processo de criação dos filhos. O desenvolvimento sadio, consistente e equilibrado de uma criança não será completo, se uma destas áreas for negligenciada.

Cultivar estas áreas de crescimento na vida dos filhos é levá-los a atingir a maturidade, a ponto de se tornarem obreiros aprovados, capacitados a fazer a vontade de Deus e, assim, glorificá-Lo.

O princípio vital para que a criação de filhos se realize bíblicamente é que a desafiadora e importante tarefa de criar os filhos é responsabilidade *exclusiva* dos pais. A ninguém será pedido contas a respeito da criação de filhos exceto aos pais, a quem Deus explicitamente ordenou que criassem e se responsabilizassem pelo desenvolvimento de seus filhos.

Embora outros venham a influenciar o seu desenvolvimento, cabe aos pais filtrar esse fluxo de influências, pois o processo de criação como

*Deus e seus princípios
não devem ser somente
uma área a mais no
desenvolver da criança,
mas a base através
da qual tudo deve ser visto
e avaliado.*

um todo é responsabilidade exclusiva deles. Essa tarefa, ordenada por Deus, é grandiosa e difícil, porém perfeitamente viável, pois Aquele que a ordenou também fornece os meios com os quais realizá-la. Deus não somente ordena que criemos nossos filhos, mas também que o façamos na disciplina e admoestação do Senhor.

Nosso segundo princípio é que a criação dos filhos em sua totalidade deve ser de acordo com a Palavra de Deus, sendo o objetivo maior que a criança seja transformada segundo a imagem de Cristo e chegue à sua estatura. No decorrer desta criação almeja-se que a criança se desenvolva com uma perspectiva bíblica que abranja todas as áreas de sua vida.

Deus e seus princípios não devem ser somente uma área a mais no desenvolver da criança, mas a base através da qual tudo deve ser visto e avaliado. Isso implica que, ao longo do processo educacional, tanto o ensino de preceitos morais quanto de História, Matemática, Estudos Sociais e demais matérias devem ser efetuados de uma perspectiva bíblica. Só assim a criança obterá uma compreensão completa e coerente da interação entre Deus, o homem e o universo. É apto para essa tarefa somente o educador cristão com um ponto de referência absoluto para distinguir o certo e o errado, a percepção correta da depravação total do homem e da soberania de Deus.

Assim, cada aspecto da criação dos filhos tem de ser arraigado em princípios bíblicos para que frutifique em louvor e glória Àquele que criou todas as coisas. Esta é a manei-

ra ordenada por Deus para a criação de filhos e que se distingue claramente dos padrões seculares. Muitos lares cristãos aderem a uma mistura de padrões seculares com verdades bíblicas, na esperança de que estas prevaleçam; contudo, o modo de educar ordenado por Deus é claro, e sua adulteração, por mínima que seja, compromete os resultados.

Considerando esses dois princípios — os pais são responsáveis pela educação de seus filhos até a sua maturidade, e esta educação tem de ser de acordo com a Palavra — podemos concluir que qualquer pessoa ou entidade que colabore na criação e educação de filhos deva fazê-lo conforme a instrução dada aos pais, isto é, na disciplina e admoestação do Senhor.

Assim sendo, perguntemo-nos: estarão nossos filhos sendo ensinados por educadores que possuem o mesmo objetivo que o nosso, isto é, transformá-los segundo a imagem de Cristo? Há consistência entre aquilo que ensinamos a nossos filhos e o que eles estão aprendendo na sala de aula? Existe entre nosso lar e a escola uma disputa de interesses, princípios e objetivos? É sempre Cristo o centro na criação dos nossos filhos? Estarão nossos filhos aprendendo que só existe um Deus que nos ensina como avaliar todas as coisas ou estarão aprendendo que existem várias alternativas dentre as quais podem livremente escolher? Sem dúvida, tal inconsistência causa enormes danos em muitos lares cristãos onde o maior perdedor será nosso filho, que se vê em conflito diante de objetivos antagônicos. Crianças estão convivendo

com essa duplicidade de enfoque que os enfraquece e os limita em um desenvolvimento completo, coerente e que glorifica a Deus.

II - POR QUE A ESCOLA EVANGÉLICA?

PORQUE...

Jesus Cristo deve receber a preeminência em todas as coisas, inclusive, necessariamente, na educação dos estudantes.

PORQUE Jesus Cristo é a chave da educação, visto que nEle estão ocultos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento.

PORQUE a educação deve ser Cristocêntrica, porquanto educação que omite Deus, ou que não lhe confere o merecido lugar, não O honra.

PORQUE uma escola genuinamente evangélica fornece uma sã educação acadêmica, integrada com a Palavra de Deus, onde o propósito mais elevado da vida é a honra e glória do Senhor. As escolas seculares, por outro lado, não ensinam um sistema de valores coerente com a Bíblia.

PORQUE é a Bíblia que fornece uma perspectiva verdadeira que deve moldar o estilo de vida do estudante, bem como seus conceitos sobre Deus, o homem e o mundo.

PORQUE existem muitas diferentes filosofias de vida, mas somente o cristianismo é a verdadeira filosofia, porquanto Deus ordenou que todo o pensamento seja cativo à obediência a Jesus Cristo.

PORQUE a filosofia de vida cristã e a filosofia de vida secular estão em conflito uma com a outra, sendo impossível harmonizá-las entre si.

PORQUE uma escola secular não encoraja, nem mesmo pode encorajar um estudante a amar ao Senhor de toda a sua mente.

PORQUE o temor ao Senhor, que é o princípio da sabedoria e do conhecimento, não é ensinado nas escolas seculares, mas, antes, é cuidadosamente rejeitado.

PORQUE Satanás, que é o enganador, um mentiroso voluntário, o príncipe deste mundo maligno, controla a educação secular, utilizando-a como uma das principais armas contra as verdades do cristianismo.

PORQUE a educação secular está alicerçada exclusivamente sobre a razão humana, ao passo que a educação evangélica está baseada sobre a revelação divina.

PORQUE as escolas seculares não ensinam a depravação da natureza humana, mas, antes, educam os estudantes com base no conceito de que o homem é um ser bom por natureza.

PORQUE a teoria da evolução é uma mentira, e nenhum sistema educacional baseado nela pode primar pela verdade.

PORQUE não existe tal coisa como temas seculares, visto que toda a verdade deriva-se de Deus.

PORQUE os seríssimos problemas das drogas, da imoralidade, do desrespeito às autoridades, da ausência de disciplina pessoal e dos baixos níveis acadêmicos estão em ascensão na maioria das escolas seculares, e essas escolas não sabem como solucionar tais problemas.

PORQUE uma escola genuinamente evangélica ensina os estudantes a respeitarem os líderes do governo,

orando por todos quantos se acham em posição de autoridade. Essa atitude enfatiza a relação que existe entre o respeito e a obediência às pessoas investidas em posições de autoridade e o respeito e a obediência a Deus.

PORQUE os padrões de moralidade devem alicerçar-se somente sobre a Bíblia e não sobre situações éticas como as escolas seculares ensinam.

PORQUE as atividades das escolas seculares pertencem exclusivamente a este mundo, excluindo Deus e os seus caminhos.

PORQUE os alunos de uma escola evangélica são ensinados a perceberem a relação que há entre a Bíblia e a totalidade da vida e do processo de aprendizado.

PORQUE uma escola genuinamente evangélica ensina aos estudantes que todas as suas aptidões derivam-se de Deus, devendo serem usadas tendo em vista a honra do Senhor.

PORQUE não há tempo, nem condições suficientes, quer no culto doméstico, quer nas igrejas, para combater todas as influências adversas de uma educação secular.

PORQUE não existe professor escolar totalmente neutro, que não promova nem iniba as questões religiosas, porquanto, ainda que indiretamente, de alguma maneira, sua

posição é comunicada aos estudantes.

PORQUE a maneira de pensar do professor tem sido distorcida pelo pecado, e, a menos que se trate de uma pessoa regenerada, a sua compreensão sobre o verdadeiro significado dos fatos está distorcida, pois sua mente se acha em trevas.

PORQUE os professores de uma escola genuinamente evangélica dedicam tempo para ajudarem os seus alunos, interessando-se por eles e aconselhando-os de uma maneira sempre coerente com o ponto de vista cristão a respeito da vida.

PORQUE os filhos são primariamente responsabilidade dos pais e não do Estado, portanto compete aos pais considerar a obrigação de oferecer uma educação cristã a seus filhos.

DAÍ a necessidade de uma escola evangélica.

Se acreditamos nestas afirmações, devemos orar por mais escolas genuinamente evangélicas no Brasil, sobretudo por uma UNIVERSIDADE EVANGÉLICA, que vivam estas afirmações.

¹ Recomendamos a leitura do livrete *Educação Cristã*, F. Solano Portela Neto, publicado pela Editora Fiel.

*Tocamos em poucas coisas, mas deixamos
sempre as impressões digitais.*

Richard Baxter

MENTIRAS, MENTIRAS, MENTIRAS

Les Walthers

Mentiras, mentiras, mentiras. Todos os dias estamos sendo bombardeados por um crescente número de mentiras. Por que em nossos dias a atitude de mentir se tornou tão comum? Daniel Webster (1792-1852) se referiu a esta questão da seguinte maneira: “Se a verdade não for difundida, o erro o será. Se Deus e sua Palavra não se tornarem conhecidos e forem aceitos, o diabo e sua obra ganharão ascendência. Se a verdade evangélica não alcançar todos os lugares, a literatura imoral e corrupta o fará. Se o poder do evangelho não for sentido em todos os cantos de nosso país, a imoralidade e as trevas reinarão”.

Por que existe tanta corrupção, trevas e mentiras? A resposta não é complicada; de fato, é bem simples, mas bastante profunda. A mentira se tornou tão comum porque a verdade de Deus não tem sido fielmente proclamada. A triste realidade é que tem havido ampla rejeição de Deus e sua Palavra. Sempre houve e continua havendo um resolutivo, firme e constante esforço para remover Deus e sua verdade dos pensamentos e da consciência dos homens. Não sejamos tão néscios, ao ponto de imaginar que tais esforços não trazem conseqüências drásticas. A mais terrível das conseqüências é esta: “Luz rejeitada torna-se trevas”.

O fato mais terrível é que os homens que não conhecem e não obedecem a Deus preferem ouvir e acreditar na mentira. Não desejam ouvir a verdade, porque esta lhes aflige a consciência, deixando-os inquietos. Na realidade, ouvir a verdade os faz sentirem-se miseráveis. Eles querem antes acreditar na mentira de que a criança ainda no ventre de sua mãe é apenas um “conjunto de tecidos fetais”. Isso resulta em que o aborto não é considerado um assassinato. Os homens preferem dar ouvidos à mentira de que a homossexualidade é um “estilo de vida” e não algo abominável aos olhos de Deus; acham melhor ouvir que não são responsáveis por seus próprios atos. Ouvir que um dia os homens prestarão conta de seus atos deixa-os muitíssimo perturbados. Eles não querem escutar a verdade sobre Deus, sobre seus pecados e o juízo vindouro. Em ampla escala, nossa sociedade tem rejeitado Deus e sua Palavra. Os homens têm recusado a verdade em um esforço para viverem confortavelmente em seus pecados.

Existe remédio para esta situação? Sim, encontra-se nestas palavras do apóstolo Paulo: “Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará”. Os homens não devem pensar que podem semear rebeldia contra Deus e sua Palavra, sem colher mentiras, corrupção e trevas. Se tem de acontecer uma diminuição no bombardeio de mentiras, trevas e corrupção de nossos dias, esta diminuição será realizada através de nos rendermos completamente a Deus e à sua Palavra. O povo de Deus não deve desfalecer, enquanto permanece firme contra a onda de mensagens corruptas que, sem restrições, está sendo propagada por intermédio da mídia. O povo de Deus tem de proclamar, viver e promover a verdade.

ABNEGAÇÃO: UM ELEMENTO NA ADORAÇÃO

George H. Morrison

*Tributai ao SENHOR a glória devida ao seu nome; trazei
oferendas e entrai nos seus átrios.*

(Salmo 96.8)

Na adoração pública, há certas exigências solicitadas de todo adorador. Existem determinados elementos que precisam estar presentes, para que a adoração seja realizada em espírito e em verdade. Por exemplo, existe o sentimento de gratidão pela bondade de Deus para conosco, dia após dia. Há também o sentimento de necessidade espiritual e o reconhecimento de que ninguém, exceto Deus, pode satisfazer essa necessidade. Existe o sentimento de que somos devedores a Cristo, que nos amou e a Si mesmo se entregou por nós; em cuja morte está nossa única esperança e cujo Espírito é nossa única força. Todos esses elementos precisam estar juntos e mesclados, para que a nossa adoração seja verdadeira ado-

ração. Sem estes elementos, uma pessoa pode vir à igreja e retirar-se “da maneira como entrou”.

Existe outro elemento, igualmente importante, que com frequência é ignorado — a abnegação. Todos admitimos que a adoração demanda louvores a Deus, mas também devemos lembrar que a adoração exige que nos neguemos a nós mesmos. Muitas pessoas consideram a adoração uma alegria; porém, ela é muito mais do que uma alegria, é um dever. Quando a entendemos corretamente, a adoração é um dever que possui uma natureza tão sublime e sobrenatural, que realizá-la corretamente é impossível, exceto quando existe certa medida de sacrifício pessoal. Seguindo este conceito, dis-

correrei sobre o elemento de sacrifício na adoração. Desejo insistir com você no fato de que adorar a Deus tem sempre de exigir abnegação. Considerando o assunto desta maneira, minha oração é que nossa adoração se torne algo nobre e escapemos da leviandade em relação a ela, a leviandade tão prevalecte e perniciosa.

CONTRIBUIR NA ADORAÇÃO

Primeiramente, o elemento de sacrifício pode ser visto na questão de ofertar dinheiro. “Trazei oferendas e entrai nos seus átrios.” Nenhum judeu vinha adorar com as mãos vazias. Ofertar de seus bens era uma parte de sua adoração. Dos treze cofres que havia no tesouro do templo, quatro eram para as ofertas voluntárias do povo. Esse espírito nobre da adoração no Antigo Testamento passou à adoração realizada pela igreja e foi grandemente intensificada e aprofundada pelo novo conceito do sacrifício de Cristo. “Graças a Deus pelo seu dom inefável!” — este sentimento era a mola mestra da liberalidade cristã. O sublime pensamento a

respeito de tudo que Cristo havia dado estimulava até os mais pobres a ofertarem. Este pensamento santificou de tal maneira o ofertar por

parte dos crentes, que Paulo falou sobre o triunfo da ressurreição e, em seguida, parecendo inconsciente da mudança de assunto, acrescentou: “Quanto à coleta para os crentes...”

Ora, enquanto todas as ofertas dos crentes eram aceitáveis a Deus e traziam bênção aos ofertantes, desde tempos remotos os homens espirituais sentiam que o verdadeiro ofertar tinha de envolver o negar-se a si mesmo. Lembramos o repúdio de Davi contra a atitude de oferecer a Deus algo que nada lhe custaria (2 Sm 24.24). Esse comportamento do rei Davi, em meio a todas as suas falhas, revela seu caráter centralizado em Deus. E lemos a respeito do Senhor Jesus e de seu julgamento referente à oferta da viúva e às riquezas que Ele encontrou em tal oferta, porque houve abnegação no ofertá-la. Foi um maravilhoso clamor que brotou dos lábios de Zaqueu, quando ele se encontrou face a face com o Senhor

Jesus. Ele clamou olhando para Jesus: “Senhor, resolvo dar aos pobres a metade dos meus bens” (Lc 19. 8). Zaqueu sempre havia ofertado de conformidade com sua maneira judaica de fazê-lo. Ele nunca entrara no templo sem le-

var uma oferta; mas agora, ao contemplar Jesus, sentiu que nunca poderia dar o bastante.

Irmãos, esta é a característica

— ■ —

*A adoração é um dever
que possui uma natureza
tão sublime e sobrenatural,
que realizá-la
corretamente é impossível,
exceto quando existe
certa medida de
sacrifício pessoal.*

— ■ —

distintiva da oferta cristã: ela alcança a abnegação. Você pode contribuir como cidadão e nunca sentir essa característica; mas não penso que você pode ofertar como cristão e deixar de experimentá-la. Não penso que podemos ofertar no mesmo espírito de Jesus, até que, assim como Ele, nossa abnegação seja atingida, até que o amor de Cristo nos constranja a algum sacrifício, assim como O compeliu ao maior de todos os sacrifícios.

Com seriedade, perguntemos a nós mesmos: o nosso ofertar já chegou ao ponto de envolver sacrifício? Temos negado a nós mesmos alguma coisa, para que tenhamos condições de trazer oferendas aos átrios de Deus?

Somente assim o ofertar é uma alegria e nos aproximará mais de Cristo; somente assim o ofertar será um dos meios da graça, tão espiritual e fortalecedor quanto a oração.

Agora aprofundemo-nos um pouco mais; pois gradualmente, à medida que nos tornamos mais espirituais, o conceito de renúncia própria também se aprofunda em nós. Apenas trazer uma oferta em suas mãos não era o suficiente para uma pessoa que vinha adorar a Deus. Lentamente foi gravado na mente dos judeus o fato de que a verdadeira oferta estava no coração. E não existe algo tão instrutivo quanto observar nas Escrituras o desenvolvimento desse conceito — o gradual aprofundamento da abnegação como um elemento na adoração aceitável a Deus.

Primeiramente, devemos pensar no caso de Davi, um homem treinado

em rituais de adoração. Podemos deduzir que desde a sua juventude ele jamais havia adorado a Deus oferecendo alguma coisa que não lhe custasse nada. Ele trouxera suas ofertas, pagando por elas, e negara algo a si mesmo, de modo que pudesse comprá-las. O Deus que Davi encontrara, enquanto pastoreava seus rebanhos, não era um Deus que deveria ser adorado sem custo algum.

Em seguida, Davi subiu ao trono, ocorreu sua queda e a terrível devastação de seu caráter real; e ele descobriu que todo o sangue de bodes não poderia torná-lo um verdadeiro adorador novamente. “Os sacrifícios agradáveis a Deus são um espírito quebrantado, um coração humilhado e contrito”. Ainda que ele desse seu reino como oferta, não seria um adorador aceitável a Deus. Ele tinha de entregar a si mesmo como uma oferta a Deus; pois, do contrário, não seria um adorador aceitável. Davi tinha de negar a si mesmo e suas concupiscências; precisava abandonar seu orgulho e arrepender-se; pois, doutro modo, toda a sua adoração seria uma zombaria e o santuário, um lugar de esterilidade para ele. Desde o início ele sabia que adorar significava renunciar.

Seu pensamento de renúncia própria aprofundou-se. Ele reconheceu que não existe qualquer bênção no santuário, a menos que em seu coração houvesse arrependimento e humilhação. Esta era uma poderosa verdade que Davi precisava assimilar, uma verdade que enriqueceu a adoração a Deus através dos séculos, passando à Nova Aliança e a todas as congregações dos santos.

A ATITUDE DO CORAÇÃO NA ADORAÇÃO

Agora, olhemos para o maior filho de Davi e ouçamos as palavras dEle próprio. No Sermão do Monte, Ele se referiu à atitude de trazer uma oferta ao altar: “Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faz a tua oferta” (Mt 5.23-24). Observe que Jesus estava falando sobre adoração. Seu assunto não era a reparação de contendas. Ele estava nos ensinando quais os elementos necessários para adorarmos a Deus em espírito e em verdade. O Senhor Jesus não somente insistiu na atitude de ofertar — Ele estava certo de que isto é necessário —, mas também insistiu no fato de que por trás de cada oferta existe uma atitude de renúncia no coração. É mais fácil desistir de uma moeda do que desistir de uma contenda. É mais fácil estender a mão e fazer uma oferta generosa do que abandonar um rancor permanente e demorado.

E Jesus insistia sobre o seguinte: se a adoração tem de ser aceitável a Deus, o adorador precisa deixar de lado seu orgulho e humilhar-se, como uma criancinha. Isto não é fácil e nunca o será. Isso está muito acima da capacidade do homem natural. É muito difícil de ser realizado, muito desagradável e bastante contrário às inclinações do homem natural. Exige paciência e sacrifício íntimo; e, juntamente com oração, é o segredo da abnegação. Somente desta maneira,

conforme ensinou o Senhor Jesus, alguém pode esperar tornar-se adorador aceitável a Deus. Mas quem é suficiente para essas coisas? Isso é exatamente o que desejo gravar em sua mente. Pretendo ensinar-lhe que a adoração não é algo fácil; é bastante difícil. Não é um momento reconfortante no culto dominical, com músicas belas e um pregador eloqüente. É uma atitude do coração e da alma que é impossível existir sem que se negue a si mesmo. Agradeço a Deus pelo fato de que na mais pura adoração há poucas exigências ao intelecto. O mais humilde crente, que talvez não seja capaz de escrever uma carta, pode experimentar todas as bênçãos durante o culto. No entanto, na mais pura adoração existe uma exigência sobre a alma; existe uma chamada ao sacrifício e a tomar a sua cruz. O caminho que nos leva à igreja é semelhante ao que nos conduz ao céu — passa à sombra da cruz.

REUNIR-SE PARA A ADORAÇÃO

Agora consideremos o assunto de nos reunirmos para adoração pública. Na própria atitude de nos dirigirmos à igreja, em cada domingo, precisa haver um elemento de abnegação. Em áreas rurais, talvez seja um pouco diferente, pois em tais lugares as pessoas encontram-se mais isoladas. E, por causa de seu instinto social, sentem-se felizes por reunirem-se na igreja. Na cidade, porém, sempre há companhia, e a dificuldade é alguém ficar sozinho; por conseguinte, na cidade não há um instinto social que reforce a chamada à oração pública. Se uma pessoa examinasse apenas

suas inclinações, é provável que raramente ela viria à igreja. Ela está cansada quando a semana termina; e o domingo, afinal de contas, não é um dia de descanso? Talvez ela não esteja se sentindo bem e parece que poderá chover. Não somente isso, mas ela também poderá dizer, seriamente, que será mais beneficiada permanecendo em casa do que indo à igreja. E, se ela deseja um sermão, possui muitos em sua estante, escritos por homens que conhecem bem o coração e que a atingem de uma maneira que nem sempre acontece pelo que ela ouve do púlpito de sua igreja. Todas estas podem ser desculpas inconsistentes ou podem ser de fato verdadeiras. No entanto, revelam que a inclinação natural do coração se opõe à igreja. Mesmo levando em conta velhos hábitos e pressões sociais permanece o fato de que a abnegação é necessária, se alguém deseja estar todos os domingos na igreja.

A verdade é esta: a abnegação é boa para o homem e agrada a Deus.

A melhor de todas as maneiras de iniciar a semana é subjugar um pouco as nossas propensões. Realizar no domingo aquilo que é nosso dever e, ao fazê-lo, trazer nossa vontade em submissão é

um dos melhores indícios de que desfrutaremos de uma semana brilhante, um indício melhor do que a leitura de um excelente sermão na

poltrona de descanso. Jesus “entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o seu costume, e levantou-se para ler” (Lc 4.16). Você já meditou nessas palavras? Ele era o Filho de Deus, o céu era sua habitação, mas, conforme seu costume, Ele foi *à igreja*. Jesus nunca disse: “Não preciso ir à igreja, posso desfrutar da comunhão com Deus em casa”. Ele tomou a cruz, negou a Si mesmo e nos diz que devemos seguir seus passos.

COMUNHÃO NA ADORAÇÃO

Deixemos de considerar agora o assunto de nos aproximarmos para adorar a Deus e falemos a respeito da própria adoração. Primeiramente, devemos pensar que a adoração significa comunhão. Na adoração pública, não somos apenas ouvintes, somos uma comunhão do povo de Deus. Você se dirige a uma palestra apenas para ouvi-la; vai ao teatro simplesmente para assistir uma peça; e não importa quem são as pessoas que estão ao seu lado. Elas não re-

presentam nada para você, e vice-versa. Nenhuma delas faria qualquer coisa por você ou procuraria ajudá-lo, se estivesse em dificuldade, ou o visitaria, se você estivesse doente, ou se esforçaria

para animá-lo, se você estivesse em dias de aflição. No teatro você tem uma platéia, mas isto não é verdade em relação à igreja. Você pode

— ■ —
*À medida que nos
 tornamos mais
 espirituais, o conceito
 de renúncia própria
 também se aprofunda
 em nós.*
 — ■ —

chamá-la de audiência, porém não é realmente uma audiência, em qualquer templo abençoado. É uma comunhão de homens e mulheres unidos pela mesma fé e por coisas profundas, homens e mulheres que amam uns aos outros em Cristo Jesus. Em toda comunhão deve haver certo elemento de sacrifício? É isto verdade em referência ao lar, para que o lar seja algo melhor do que uma bagunça? Sim; em toda comunhão precisa haver abnegação e uma constante disposição de ceder um pouco. Se isto é correto em referência à comunhão no lar, também é correto em relação à comunhão na igreja.

Assim como algumas mães, dignas desse nome, amam ao ponto de negarem a si mesmas em benefício de seus filhos queridos; assim como um esposo demonstrará consideração por sua esposa em toda decisão que tomar e todo plano que fizer, assim também na comunhão durante a adoração pública

tem de haver consideração mútua e uma constante disposição de renunciar um pouco por amor a outros em favor de quem Cristo morreu. Os jovens têm seus direitos, porém não insistirão neles, quando sabem que fazê-lo causará irritação e vexame aos mais velhos. Os mais velhos têm suas reivindicações; entretanto, por amor aos jovens, receberão com alegria aquilo que não lhes é tão interessante. E, quando um hino é cantado ou cer-

ta mensagem é pregada, embora pareçam não ter qualquer aplicação direta para determinado adorador, este sempre conservará em sua mente o fato de que para outro aquela mensagem é oportuna. Tudo isso constitui a essência da verdadeira adoração e exige um pouco de sacrifício. Sem isto, não existe um lar feliz; o mesmo é verdade em referência a uma igreja feliz. Uma terna consideração pelos outros, juntamente com a abnegação nela envolvida, é uma parte integral de nossa adoração pública.

NOSSA APROXIMAÇÃO A DEUS EM ADORAÇÃO

A mesma verdade se torna ainda mais evidente quando pensamos a respeito da adoração como nossa aproximação a Deus. Adoração significa nos aproximarmos de Deus por meio do novo e vivo caminho de Jesus Cristo.

Ora, é verdade

que fomos criados para Deus e que nEle vivemos, nos movemos e existimos. Também é verdade que, ao acordarmos e nos levantarmos, Ele não está distante de qualquer um de nós. No entanto, existe um tão grande envolvimento nas coisas do mundo, mesmo entre aqueles que oram e vigiam intensamente, que para nos aproximarmos de Deus com todo o coração é necessário um verdadeiro esforço.

— ■ —

*Adoração... é uma
atitude do coração e da
alma que é impossível
existir sem que se negue a
si mesmo.*

— ■ —

Evidentemente, podemos ir à igreja, estar ali e jamais conhecer a realidade da adoração; pois somos capazes de nutrir pensamentos, ter sonhos e, em espírito, estar a milhares de quilômetros. Mas rejeitar calmamente pensamentos intrusos e dedicar-se à oração, louvor e leitura da Bíblia são tarefas que raramente serão fáceis e, para alguns, incrivelmente difíceis. Se houvesse algo que prendesse nossa atenção, isto faria toda a diferença do mundo. Em um teatro, você pode esquecer de si mesmo, absorvido pela excitação da peça. Mas a igreja do Deus vivo não é um teatro e, quando ela se torna teatral, a sua adoração desaparece, com todas as suas bênçãos. Se você quiser vaguear com seus pensamentos, pode fazê-lo sempre que desejar, pois

de modo visível nada existe na igreja para prender sua atenção.

Na adoração, há somente alguns hinos, oração tranqüila e a simples leitura de uma parte das Escrituras. Você precisa fazer o esforço necessário, fechar as portas de sua mente e reservar-se; através deste esforço, vem a bem-aventurança da adoração pública de Deus. Desse modo, a adoração torna-se um festa celestial — quando trazemos nossa vontade à adoração e a consideramos algo nobre. Desse modo, a adoração torna-se um dos meios da graça, em qualquer lugar populoso e agitado. Torne a adoração tão atrativa quanto desejar, mas lembre que, se ela tiver de ser-lhe uma bênção, você tem de negar a si mesmo, tomar a sua cruz, trazer ofertas e entrar nos átrios de Deus.

“PASSA PELO MEIO DO CAMINHO”

Antes de chegar ao Alto da Colina, porém, o sol se escondeu atrás do horizonte, e *Cristão* lembrou-se novamente da tolice de haver dormido. E lembrou-se também do que lhe contaram *Tímido* e *Desconfiado*, que haviam recuado com medo dos leões.

E pensou: — Essas feras devem estar por aí, à solta. Se me encontrarem no escuro, me matarão. Como poderei escapar?

Enquanto assim meditava sobre seu infeliz descuido, eis que levantou os olhos e viu um magnífico palácio à sua frente, cujo nome era *Belo*. Entretanto, por uma passagem estreita, porém, viu dois leões no caminho. Hesitava quando o porteiro, de nome *Vigia*, exclamou: — É assim pequena a tua coragem?

E continuou: — **Não temas passar. Os leões estão acorrentados e só estão aí para provar a fé ou a incredulidade. Passa pelo meio do caminho e nada te sucederá de mal.**

(Trechos da alegoria de John Bunyan, *O Peregrino – a história da viagem de um cristão à cidade celestial*. Ilustrado, 4a. edição revista e corrigida, 1981, Editora Fiel, SP, p. 43, itálicos e grifos nossos.)

PROFUNDA SERIEDADE E AVIVAMENTO

William B. Sprague

Todos os meios relacionados ao avivamento, autorizados pela Palavra de Deus, caracterizam-se por seriedade.

Devo indagar a todos os que já presenciaram um avivamento: uma profunda reverência não permeava o ambiente? Preciso também perguntar: se você costuma gracejar de tudo, não foi compelido a manifestar grande seriedade no lugar em que ocorria um avivamento? E, se naquele momento desejou agir como uma pessoa brincalhona, não sentiu ser aquele lugar impróprio para isto?

Ora, se um profundo grau de reverência acompanha um avivamento; se na terra não existe algo mais solene, certamente todas as medidas que adotamos em conexão a um avivamento devem possuir esta mesma característica. Seria absurdo pensar em levar avante uma obra como esta utilizando meios que não se identificam por profunda seriedade ou introduzir coisas que têm o propósito de estimular emoções superficiais, quando tais emoções devem estar ausentes de nossa mente. Todas as anedotas irreverentes, formas cômicas de expressão, gestos e atitudes engraçadas nunca são mais inconvenientes do que nas ocasiões em que o Espírito Santo está agindo nos corações das pessoas presentes na igreja. Todas as coisas desse tipo O entristecem, porque frustram o objetivo para o qual Ele veio — convencer de sua culpa os pecadores e renová-los para arrependimento. E a situação não é amenizada se, após coisas levianas, introduzirmos aquilo que é realmente solene e importante, pois seu efeito legítimo é quase neutralizado pela conexão com a qual é apresentado; e aquilo que poderia vir com terrível poder sobre as consciências dos ouvintes torna-se, deste modo, sem poder e expressão. E, não apenas isso, com freqüência é formada uma associação na mente do ouvinte, a qual é excessivamente hostil às impressões religiosas — uma associação entre verdades solenes que deveriam fazer os pecadores tremer e expressões engraçadas que lhe oferecem matéria para achar graça.

A LEI DE DEUS E O AMOR DE DEUS

Ernest Reisinger

Se me amais, guardareis os meus mandamentos.

(João 14.15)

Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; ora, os seus mandamentos não são penosos.

(1 João 5.3)

O QUE DEUS UNIU

Para servirmos a Deus com fidelidade, precisamos não apenas distinguir as coisas que diferem, mas também preservar a conexão entre as coisas que Deus uniu. A lei e o amor são esse tipo de coisa que Deus uniu. São parceiros inseparáveis.

Quando Martinho Lutero disse: “Ame a Deus e faça o que te parecer melhor”, ele tinha algo a comunicar, ou seja: se você verdadeiramente ama a Deus, fará aquilo que agrada a Ele. Mas isso ainda levanta uma pergunta: O que agrada a Deus? Por isso a frase de Lutero precisa de alguma explanação, para que não pareça uma questão demasiadamente simplificada ou confusa.

Uma das maiores dificuldades ao lidar com esse assunto são as muitas formas em que as palavras *lei* e *amor* são empregadas na Bíblia. Nas Escrituras lemos a respeito do amor a Cristo, do amor à esposa, do amor ao próximo, do amor aos nossos inimigos e de um amor especial e peculiar pelos irmãos. Inúmeros livros têm sido escritos acerca dessas duas pequenas palavras, *lei* e *amor*.

Todo o verdadeiro cristão quer saber como agradar a Deus. O desejo vem com o novo nascimento e imediatamente nos impulsiona rumo à Bíblia, onde a vontade de Deus é expressa. Mas como é que Deus expressa a sua vontade? Será que Ele diz: “Ame”; ou será que Ele expres-

sa sua vontade ao nos dar seus mandamentos? A Bíblia claramente faz as duas coisas, o tempo todo, nos ensinando o relacionamento adequado entre a lei e o amor.

Precisamos fazer uso de nossos melhores esforços para discernir qual é esse relacionamento. Há uma vasta gama de livros, debates e opiniões sobre este assunto. Por isso mesmo, saber escolher entre essas várias possibilidades requer oração e uma obra plena do Espírito Santo, único verdadeiro Professor. Que Deus nos dê discernimento para distinguir as coisas que diferem e para juntar as coisas que precisam ser compreendidas como pertencentes uma à outra.

“TUDO O QUE SE PRECISA É AMOR”?¹

Todas as heresias e seitas fazem tremular a palavra amor como se fosse uma bandeira de virtude. É a palavra favorita deles, mas jamais está ligada à lei de Deus. O movimento hippie dos anos 60 também proclamou essa palavra, pintando-a em automóveis e cartazes, freqüentemente na forma de “amor livre”. Os políticos liberais continuam a falar do amor divorciado da responsabilidade individual.

Em março de 1965, a revista *TIME* falou sobre uma reunião de 900 pastores e alunos na Harvard Divinity School (Escola de Divindade de Harvard) na qual eles consideraram o assunto da “nova moralidade”. O título do artigo “Amor em Lugar da Lei?” propôs uma antítese. Sob o subtítulo “Fomos Libertos”, o arti-

go disse: “Obviamente, os palestrantes não chegaram a qualquer conclusão definitiva, mas concordaram genericamente que, em alguns aspectos, a nova moralidade é um avanço sadio no esforço genuíno de interpretar literalmente as palavras de Paulo, as quais ensinam que através de Cristo estamos livres da lei”.

Embora essas palavras venham do Novo Testamento, elas certamente não ensinam o que os palestrantes de Harvard subentenderam. Algumas perguntas precisam ser feitas acerca do contexto das palavras de Paulo: em relação a que nós precisamos ser libertados da lei, e de que leis somos libertos? As pessoas motivadas pelo genuíno amor certamente não são anárquicas. Elas amam o padrão moral e ético que Cristo amou e obedeceu, ao contrário das palavras do presidente de Princeton, Paul Ramsey, que disse no mesmo artigo: “As listas de ‘pode e não pode’ não fazem mais qualquer sentido”.

Por outro lado, não nos surpreendemos com essa ignorância perigosa e destrutiva quando a encontramos nas seitas, entre os liberais e os agnósticos. Mas, quando pregadores, que crêem na Palavra de Deus, estipulam uma antítese falsa entre a lei e o amor, deveríamos ficar assustados, consternados, entristecidos, completamente tomados de desgosto.

Criar uma falsa antítese entre lei e amor (como se fossem idéias conflitantes e opostas) é uma das formas mais sutis de se minar os Dez Mandamentos, a moralidade e o verdadeiro cristianismo. Sabemos estabelecer a diferença entre lei e amor;

mas existe uma conexão imutável. Deixar de enxergar esse relacionamento impossível de ser mudado tem levado pessoas a erros e heresias, a naufrágios espirituais incontáveis.

UMA CONEXÃO IMUTÁVEL

Abordemos algumas passagens bíblicas a fim de mostrar a conexão imutável entre a lei e o amor. Repare como o amor está inserido nos Dez Mandamentos, no seguinte ensinamento de Paulo: “A ninguém fiqueis devendo coisa alguma, exceto o amor com que vos ameis uns aos outros; pois quem ama o próximo tem cumprido a lei. Pois isto: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não cobiçarás, e, se há qualquer outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. O amor não pratica o mal contra o próximo; de sorte que o cumprimento da lei é o amor” (Romanos 13.8-10).

Além do mais, que melhor definição de amor, no sentido bíblico, poderemos ter do que a de João, o grande apóstolo do amor? “Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; ora, os seus mandamentos não são penosos” (1 Jo 5.3).

Observe, também, a conversa do nosso Senhor com o intérprete da lei em Mateus 22.35-40. Quando perguntado no versículo 36: “Mestre, qual é o grande mandamento na lei?”, o Senhor imediatamente fez a conexão entre os mandamentos de Deus e o amor de Deus. Jesus sempre ligou a lei ao amor. O que poderia ser mais claro do que os seguintes exemplos?

“Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele... Respondeu Jesus: Se alguém me ama,

guardará a minha Palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada. Quem não me ama não guarda as minhas palavras; e a palavra que estais ouvindo não é minha, mas do Pai, que me enviou” (João 14.21,

Criar uma falsa antítese entre lei e amor (como se fossem idéias conflitantes e opostas) é uma das formas mais sutis de se minar os Dez Mandamentos, a moralidade e o verdadeiro cristianismo.

23-24). “Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e no seu amor permaneço... O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei... Vós sois meus amigos, se fazeis o que eu vos mando” (João 15.10, 12, 14).

Essas afirmações deixam inequi-

vocamente claro que existe um relacionamento eterno entre a lei e o amor de Deus.

Enfatizar que o amor em si é um mandamento é algo consistente com muitas passagens do Novo Testamento: “Amarás o teu próximo” (Mateus 5.43); “amai vossos inimigos” (Lucas 6.27, 35); “que vos ameis uns aos outros” (Romanos 13.8); “amai vossa mulher” (Efésios 5.25); “amai os irmãos” (1 Pedro 2.17).

Essas passagens são suficientemente claras para demonstrar que existe uma ligação vital entre a lei e o amor. Elas deveriam nos levar a renunciar qualquer ensinamento — quer empacotado em ilustrações sagazes ou ministrado via implicações sutis — que separe a lei do amor.

Se houve uma época em que o ensinamento bíblico acerca dos mandamentos foi necessário no lar, na igreja ou na nação, essa época é hoje! Com a anarquia cada vez mais exuberante, certamente não precisamos de pastores ou professores que separem aquilo que Deus juntou.

A doutrina de “somente o amor” é inimiga do verdadeiro cristianismo, da Bíblia e da alma dos homens. Essa doutrina não é o amor bíblico, de forma alguma, nem o “amor” sem a lei é algo que possa se assemelhar a Cristo.

O evangelho de Cristo exala o Espírito de amor santo, ou seja:

O amor é o cumprimento de todos os preceitos dos evangelhos.

O amor é a garantia de todas as alegrias do evangelho.

O amor é a evidência do poder do evangelho.

O amor é o fruto maduro do Espírito (ver Gálatas 5.22-23).

O espírito do genuíno amor jamais existe às custas da lei e da verdade. Nem, por outro lado, é o amor, em qualquer momento, separado das diretrizes bíblicas de um viver santo que são objetivas e determinadas nos Dez Mandamentos. Isso é enfatizado no grande capítulo do amor, escrito na Bíblia, quando Paulo diz que “o amor regozija-se com a verdade” (1 Coríntios 13.6).

A conexão entre a lei e o amor está profundamente encravada no Antigo Testamento, assim como no Novo Testamento. Isso é ilustrado em Êxodo 20, onde Deus deu o Decálogo, no monte Sinai.

Antes de dar os Dez Mandamentos, Deus relembrou os israelitas de seu amor redentor: “Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito” (v.2). Essa ação de Deus foi um ato redentor amoroso. Não é somente no prólogo aos Dez Mandamentos que Deus fala de seu amor redentor; mas mais tarde, tratando acerca do segundo mandamento, o v.6 fala acerca de Deus “fazer misericórdia” a seu povo. Amor e misericórdia estão harmoniosamente ligados no Decálogo.

Jesus reafirmou essa conexão em João 14.15: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos”. O resumo da lei que Ele deu em Mateus 22:37-40 — a lei do amor a Deus e ao próximo — ecoa o mandamento do amor dado na lei, em Deuteronômio 6.5. Não são apenas o Senhor Jesus e os apóstolos que unem a lei de Deus e o amor de Deus, mas a Bíblia toda o faz.

O AMOR COMO MOTIVAÇÃO

O amor não tem olhos exceto os da lei de Deus; não possui direção fora dos mandamentos de Deus. Paulo falou do amor de Cristo nos constrangendo. Ele nos impele ao dever. O amor é a única verdadeira motivação para toda adoração e dever, mas por si só não define nenhuma das duas coisas. Portanto, não podemos colocar o amor “no lugar da lei”. Eles caminham juntos. O comportamento cristão brota do amor a Deus e ao próximo. Se nós nos amássemos perfeitamente, nosso caráter e nosso comportamento seriam perfeitos porque nos conformariam à vontade de Deus. O amor é a motivação para a ação obediente, assim como se expressa em ação obediente.

Tal ação cumpre a lei: “O amor não pratica o mal contra o próximo; de sorte que o cumprimento da lei é o amor” (Romanos 13.10). Motivação e ação não podem estar mais atreladas uma a outra do que nessa passagem. Se o amor não nos constrange a cumprirmos a lei moral, não é o amor de que fala a Bíblia. O apóstolo Paulo deixou muito claro quando disse que “o amor de Cristo nos constrange” (2 Coríntios 5.14). É o amor de Deus que coloca a lei de Deus em funcionamento.

O amor genuíno por Deus é intensamente preocupado com Ele como Objeto Supremo. Ele está, portanto, intrinsecamente ativo ao fazer a vontade de Deus. O amor em si é ordenado tanto no Antigo quanto no

Novo Testamento. Jesus disse: “Isto vos mando: que vos ameis uns aos outros” (João 15.17). O amor também é descrito como um mandamento em Deuterônimo 6.5-7 “Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te”.

Temos de perceber com clareza que o mandamento para amar não criará ou produzirá amor. Esse mandamento, como qualquer outro, não pode criar a disposição ou vontade de obedecermos. Mas o simples fato de que o amor é um mandamento deveria ser suficiente para silenciar aqueles que argumentam a favor de uma antítese entre lei e amor. Moisés, Jesus e Paulo, todos fizeram a conexão entre a lei e o amor, assim como o faz João, em 1 João 5.3: “Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; ora, os seus mandamentos não são penosos”.

Ai de qualquer pessoa que separar aquilo que Moisés, Cristo e os apóstolos afirmaram que não pode ser separado! O que Deus uniu, não o separe o homem.

¹ Nota do tradutor: música do conjunto “The Beatles”, cujo título em inglês é *All You Need Is Love*, e que se tornou muito popular em 1967.

“FANÁTICOS” OU DEFENSORES DA VERDADE?

John Kennedy

Em tempos como o nosso é fácil alguém parecer fanático, se mantém uma firme convicção sobre a verdade e quando se mostra cuidadoso em ter certeza de que sua esperança procede do céu. Nenhum crente pode ser fiel e verdadeiro nesses dias, sem que o mundo lhe atribua a alcunha de fanático. Mas o crente deve suportar esse título. É uma marca de honra, embora a sua intenção seja envergonhar. É um nome que comprova estar o crente vinculado ao grupo de pessoas das quais o mundo não era digno, mas que, enfrentando a ignomínia por parte do mundo, fizeram mais em benefício deste do que todos aqueles que viviam ao seu redor. O mundo sempre sofre por causa dos homens que honra. Os homens que trazem misericórdia ao mundo são os que ele odeia.

Sim! Os antigos reformadores eram homens fanáticos em sua época. E foi bom para o mundo eles terem sido assim. Estavam dispostos

a morrer, mas não comprometeriam a verdade. Submeter-se-iam a tudo por motivo de consciência, mas em nada se sujeitariam aos déspotas. Sofreriam e morreriam, mas temiam o pecado. Esse fanatismo trouxe liberdade para a sua própria terra natal, como bem demonstra o exemplo dos reformadores escoceses. O legado deixado por esses homens — cujo lar eram as cavernas na montanha e cuja única mortalha era a neve, que com frequência envolvia seus corpos quando morriam por Cristo — é uma dádiva mais preciosa do que todas as oferecidas por reis que ocuparam o trono de seus países ou por todos os nobres e burgueses que possuíam suas terras. Sim, eles eram realmente fanáticos, na opinião dos zombadores cépticos e perseguidores cruéis; e toda a lenha com a qual estes poderiam atear fogueiras não seria capaz de queimar o fanatismo desses homens de fé.

Foram esses implacáveis fanáti-

cos, de acordo com a estimativa do mundo, que encabeçaram a cruzada contra o anticristo, quando na época da Reforma desceu fogo do céu e acendeu em seus corações o amor pela verdade. Esses homens, através de sua inabalável determinação, motivados por fé viva, venceram em épocas de severas provações, durante as quais eles ergueram sua bandeira em nome de Cristo. Um lamurioso Melanchthon teria barganhado o evangelho em troca de paz. A resoluta coragem de um Lutero foi necessária para evitar esse sacrifício. Em todas as épocas, desde o início da igreja, quando a causa da verdade emergiu triunfante sobre o alarido e a poeira da controvérsia, a vitória foi conquistada por um grupo de fanáticos que se comprometeram solenemente na defesa dessa causa.

Existe hoje a carência de homens que o mundo chame de “fanáticos”. Homens que possuem pulso fraco e amor menos intenso pouco farão em benefício da causa da verdade e dos melhores interesses da humanidade. Eles negociarão até sua esperança quanto à vida por vir em troca da honra proveniente dos homens e da tranqüilidade resultante do comprometimento do evangelho. Há muitos homens assim em nossos dias, mesmo nas igrejas evangélicas e na linha de frente do evangelicalismo; ho-

mens que se gloriam de uma caridade indiscriminada em suas considerações, de um sentimento que rejeita o padrão que a verdade impõe; homens que aprenderam do mundo a zombar de toda a seriedade, a queixarem-se da escrupulosidade de consciência e a escarnecer de um cristianismo que se mantém através da comunhão com os céus! Esses têm os seus seguidores.

Um amplo movimento emergiu afastado do cristianismo vital, de crenças fixas e de um viver santo. As igrejas estão sendo arrastadas nessa corrente. Aproxima-se rapidamente o tempo em que as únicas alternativas serão ou a fé viva ou o cepticismo declarado. Uma violenta maré se abate sobre nós nes-

sa crise, e poucos mostram-se zelosos em resistir. Não podemos prever qual será o resultado nas igrejas, nas comunidades e nos indivíduos, tampouco somos capazes de tentar conjecturá-lo sem manifestar sentimentos de tristeza. Contudo, uma vitória segura é o destino da causa da verdade. E, até que chegue a hora de seu triunfo, aqueles que atrelaram seus interesses à carruagem do evangelho perceberão que fazem parte de um grupo que está diminuindo, enquanto avançam até àquele dia; seu sentimento de solidão se aprofundará, enquanto seus velhos amigos declinarão à negligência, a indiferença se converterá

Homens que possuem pulso fraco e amor menos intenso pouco farão em benefício da causa da verdade e dos melhores interesses da humanidade.

em zombaria, e as lamúrias se transformarão em amarga inimizade. Eles levarão adiante a causa da verdade somente em meio aos escárnios dos incrédulos e às flechas dos perseguidores.

Mas nenhum daqueles que amam a verdade — aqueles cujos olhos sempre descansaram na esperança do evangelho — deve acovardado fugir das provações. Perecer lutando pela causa da verdade significa ser exaltado no reino da glória. Ser massacrado até à morte, pelos movimentos de perseguição, significa abrir a porta da prisão, para que o espírito redimido passe da escravidão ao trono. Em sua mais triste hora, aquele que sofre por causa da verdade não deve recusar a alegria que os

lampejos da mensagem profética trazem ao seu coração, quando brilham através das nuvens de provação. O seu Rei triunfará em sua causa na terra e seus amigos compartilharão da glória dEle. Todas as nações sujeitar-se-ão ao seu domínio. As velhas fortalezas de incredulidade serão aniquiladas até ao pó. A iniquidade esconderá sua face envergonhada. A verdade, revelada dos céus, receberá aceitação universal e será gloriosa no resplendor de seu bendito triunfo aos olhos de todos.

(Originalmente, *Truth's Defenders Vindicated, The Banner of Truth*, maio de 1957, pp 32-33).

Homem algum acharia difícil morrer, se morresse todo dia. Ele teria praticado tanto, que teria tão somente que morrer mais uma vez; como o cantor que ensaiou tão bem a sua parte; só tem agora que soar as notas mais uma vez, e assim, terminar.

C. H. Spurgeon

Se pelo Espírito mortificardes os feitos do corpo, certamente vivereis.

Romanos 8.13

VOCÊ É UM VERDADEIRO MEMBRO DE IGREJA?

Conrad Mbewe

*Seja a paz de Cristo o árbitro em vosso coração, à qual,
também, fostes chamados em um só corpo; e sede agradecidos.*

(Colossenses 3.15)

Muitos crentes vão à igreja da mesma maneira que vão aos Correios. Não sabem quem abriu a agência ou a limpou. Não se importam com quem mais ali está, exceto os funcionários no balcão. Tudo que desejam é enviar suas correspondências e ir embora. Nem mesmo se interessam em olhar rapidamente para as outras pessoas que estão na fila, a menos que alguém lhes chame pelo nome. Se isto acontece, então se voltam e conversam um pouco com aquela pessoa.

Isto é o que acontece a muitos crentes. Tudo que lhes interessa é desfrutar do culto, do pastor e de sua mensagem. Não sabem quem abriu o templo, quem o varreu, colocou os hinários nos bancos, etc. Tudo que desejam é ouvir o sermão e desaparecer, voltando para casa. Se alguém os cumprimenta,

então param, conversam um pouco antes de sumirem, retornando para casa.

Com certeza, isso está errado. Todo crente deveria ser um membro ativo de sua igreja. Se você é culpado desse tipo de atitude em relação à igreja, deve parar. Precisa tornar-se membro de uma igreja local e fazer que sua membresia seja significativa.

Isto é o que a Bíblia ensina com a expressão “em um corpo”, encontrada no versículo que citamos no início. Em sua conversão, você foi espiritualmente unido ao corpo de Cristo. Isto acontece porque a salvação assemelha-se a um pacote. Inclui regeneração, justificação, adoção, habitação do Espírito, etc. Um dos elementos deste pacote é a união com Cristo, ou seja, o processo pelo qual o Espírito Santo

o enxerta no corpo de Cristo, de modo que você se torna um membro orgânico desse corpo (1 Co 12.12-13), ao invés de um membro autômato.

É necessário que esta experiência espiritual seja traduzida para termos concretos por meio de sua deliberada união visível a um grupo de crentes. Por causa de nossa união espiritual com Cristo, ajuntar-se a um grupo de crentes tem de ser desejado por você. Precisa haver em você o desejo de pertencer ao povo de Deus, que constitui a família dEle. Isto é o que significa ser membro de uma igreja: é uma expressão externa e objetiva de uma experiência subjetiva e íntima.

O Novo Testamento não menciona qualquer coisa a respeito de crentes que não se importam com a igreja e vivem isoladamente a vida cristã, andando para lá e para cá. Você tem de pertencer a uma igreja local. Existem muitos crentes que são semelhantes a ervas aquáticas, vivem flutuando de igreja em igreja. Não pertencem à membresia de nenhuma delas, mas estão presentes a todas as “poderosas” reuniões da cidade. Onde for aberta uma nova igreja, ali os encontraremos. E, se outra igreja for estabelecida, tais crentes mudarão para ela.

O seu crescimento espiritual é o

motivo pelo qual Deus deseja que você se torne membro de uma igreja. Tornar-se membro ativo de uma igreja não é opcional ao seu crescimento na santidade. As inevitáveis implicações de pertencer à membresia de uma igreja podem ser resumidas na palavra “responsabilidade”, sendo esta uma responsabilidade que temos indiretamente para com Deus e diretamente uns para com os outros. Considere o exemplo dos discípulos apresentado no Novo Testamento (At 2.42-47; 4.32-35).

Este é o motivo por que sua membresia a uma igreja não pode consistir apenas de um registro formal no rol de membros. Precisa ser expressa em envolvimento prático em toda a vida da igreja. Torne-se semelhante a um filho que se envolve positivamente nas tarefas do lar.

Você é um verdadeiro membro de igreja? Se não, acabe com essa atitude imediatamente! Se é membro de uma igreja, você é responsável? Existe uma diferença real entre você e os visitantes? Pense sobre os membros de sua igreja, você os conhece, está orando e se interessando por eles, a fim de ajudá-los em suas necessidades? Torne-se agora um responsável membro de igreja.

*É possível ser diligente em nossa religião
e distante em nosso relacionamento.*

John Blanchard